

Artes Cênicas

DIVULGAÇÃO



Momento.
Novos
tempos
artísticos
para a cia.

**COLÔNIA
PENAL**
Kasulo
Espaço de
Cultura e Arte.
R. Sousa Lima,
300, Barra
Fundada, 3666-
7238. 6ª e sáb.,
21 h; dom., 20
h. Grátis. 4/8.

Diálogo possível e necessário entre dança e política

‘Colônia Penal’, da Cia. Borelli, expõe a relação entre violência e corpo ao evocar memórias da ditadura

CRÍTICA

★★★★ ÓTIMO

GRUPO OFERECE O QUE PROMETE – UMA HOMENAGEM AOS MORTOS POLÍTICOS

Helena Katz

ESPECIAL PARA O ESTADO

Quando o perto fica bem mais perto e, nesse movimento, expande todo o universo. *Colônia Penal*, a nova criação da Cia. Borelli, faz isso: tem o mérito poético de ser, ao mesmo tempo, local e geral, conversando com diversos contextos. Oferece o que promete – ser uma homenagem aos mortos e desaparecidos políticos da ditadura militar brasileira – e também consegue se abrir para fora dos 21 anos de sua duração. Esta *Colônia Penal* não tem lugar nem tempo: continua existindo, perto e longe de cada um de nós.

Quem conhece o percurso da companhia não vai estranhar que tenha agregado “Carne Agonizante” ao seu nome, uma vez que explícita, a cada nova produção, seu compromisso em atar

dança e política. Desta vez, expõe a força da violência no corpo que ela não parece machucar, um corpo que não duvida da submissão que a própria violência formata.

Há uma sabedoria na construção dramatúrgica que elege a previsibilidade e a linearidade como pulsações. Assim que a situação se instala, o final está desenhado. E o que acontece entre um momento e o outro, ritmado por tais pulsos, é o apuramento de cada cena naquela que a sucede. À medida que vão acontecendo, vão nos empilhando, a nós, plateia, junto dos algozes. A certa altura, não se sabe mais em que momento escapou a possibilidade de resistir. Quando é possível se dar conta das camadas do que está sendo apresentado, já estamos reduzidos a uma passividade comprometida. E o ambiente é o de um amontoando inescalável de abominações repetidas em variações que arranham no mesmo lugar. Apenas mais adiante, vai aparecer a vertigem do que não tem saída.

Muito dessa clareza se deve ao modo como Branca Gonza-

ga, a artista convidada, atua. É seu corpo sem sotaque de dança que ganha a força anônima de um corpo qualquer, materializado em carne e peso. Precisamos encostar o ouvido para identificar que a secra das quedas de Branca passou a ser o ritmo que enclausura a relação torturador/torturado em seus horrores. O demônio que rege o que é possível prever enfileira uma sequência de barbáries, que cada um do elenco faz acontecer como se ecoasse o que Hannah Arendt chamou de “banalização do mal” quando cobriu o julgamento de Eichmann em Jerusalém, realizado em 1961, para a *New Yorker*, e depois transformado em livro.

À medida que se desce a escada que leva para a rua, a memória, densa e imperfeita, deixa cair de suas dobras adormecidas a esperança que lá estava enterrada. Vai desenhando um ‘tomara que nasça’ que abre um infinito. Um prelúdio para novos tempos artísticos da Cia. Borelli-Carne Agonizante porque a fúria caseira de Borelli ganhou o mundo nesta *Colônia Penal*, aliás, *Colônia Farol*.